

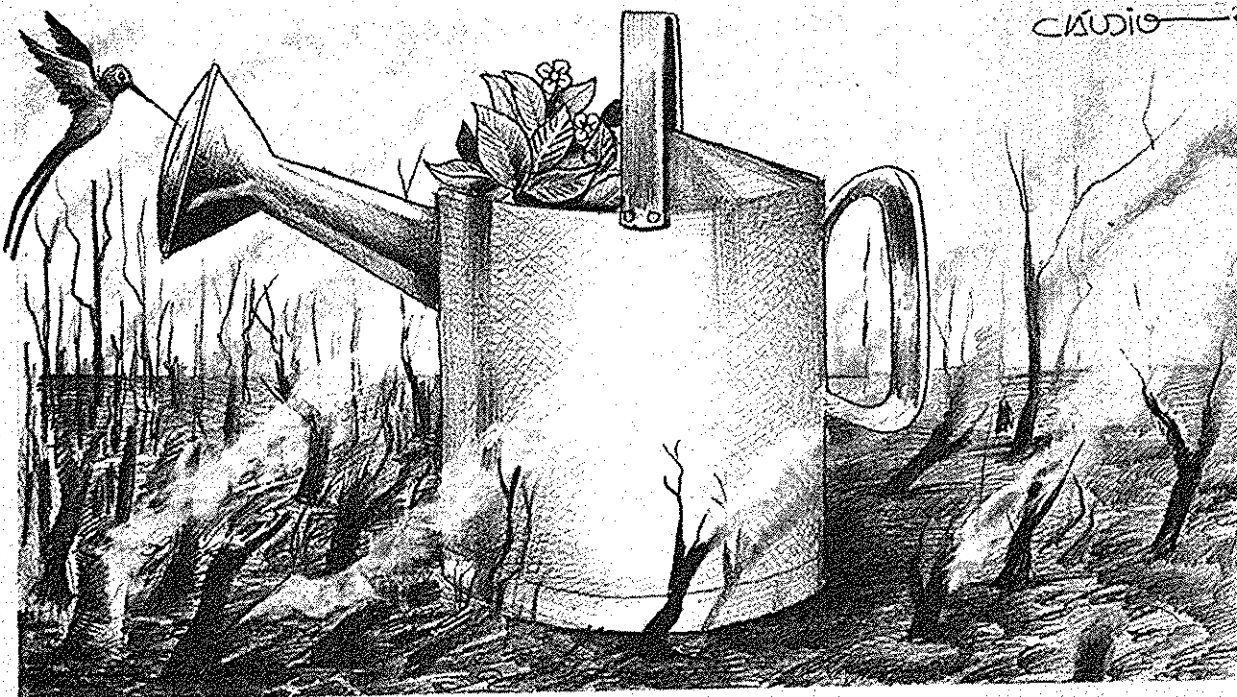
Devastação se agrava na Amazônia

JOSÉ MEIRELLES PASSOS
Correspondente

WASHINGTON — Um novo recado foi enviado indiretamente ontem ao Governo brasileiro pela comunidade internacional, advertindo sobre os riscos da devastação da floresta amazônica. Ele está contido no extenso estudo "A situação do Mundo" feito pelo Worldwatch Institute, um centro de pesquisas sediado em Washington. "Notícias alarmantes sobre desmatamento chegaram do Brasil. Dados recolhidos por satélite, referentes a 1987, mostraram que a floresta tropical da Amazônia está sendo destruída bem mais rapidamente do que se pensava anteriormente", diz o documento.

E acrescenta: "É espantoso notar que oito milhões de hectares — uma área do tamanho da Austrália — foram queimados apenas em 1987. E calcula-se que as queimadas de 1988 tenham sido ainda maiores". A estimativa é de que a Amazônia já perdeu 12 por cento de sua floresta tropical. Se este ritmo fosse mantido, o Brasil correria o risco de uma tragédia, segundo diz o estudo: haveria uma redução das chuvas tanto na Amazônia como no Sul do País, colocando em risco tanto a agricultura como a produção de energia através de usinas hidroelétricas.

A destruição das florestas, segundo o estudo, tem provocado a extinção de diversas espécies de plantas e animais, além de aumentar a produção de dióxido de carbono. "Isso induz a mudanças climáticas e



CLAUDIO — FAO teme danos à produção agrícola

WASHINGTON (Do Correspondente) — Dados fornecidos pela FAO, organismo das Nações Unidas que cuida de alimentação e agricultura, mostram que 11,3 milhões de hectares de florestas tropicais vêm sendo dizimados anualmente para a criação de gado, produção de carvão de madeira ou projetos agrícolas. Mais da metade dessa perda, em 1987, foi registrada no Brasil — com oito milhões de hectares derrubados.

"Se a devastação continuar nesse ritmo, os brasileiros poderão enfrentar uma múltipla tragédia: a substituição da produtiva floresta tropical por área de cultivo ou de pastagens, que perdem sua fertilidade e devem ser abandonadas depois de alguns anos; e a redução das chuvas, não apenas na Região Amazônica, mas também nas zonas agrícolas da região central do País, já que é a Amazônia que exporta vapor de água para o Sul", diz o estudo. De acordo com especialistas do setor, três quartos das águas das chuvas que caem na Amazônia retornam à atmosfera como vapor d'água que, depois, irrigam outras áreas do Brasil.

Segundo os autores do estudo, a área hoje desmatada brevemente será um deserto. "Nos trópicos, atualmente, o desmatamento se traduz geralmente na degradação da terra", diz o relatório e exemplifica: "Políticas nacionais de utilização do solo também alimentam a degradação. Por exemplo: os Governos do Brasil e da Indonésia, apoiados por empre-

timos do Banco Mundial, têm patrocinado programas de reassentamento que encorajam as pessoas a derrubar a floresta tropical para criar novas áreas de cultivo, embora se saiba que aquela terra será produtiva só por alguns anos".

Ao analisar especificamente a questão brasileira, Sandra Postel, Vice-Presidente do Worldwatch Institute, disse que a saída mais apropriada para o País seria captar investimentos para proteger a Amazônia:

— A melhor oportunidade para diminuir o ritmo do desmatamento está na vinculação de um alívio para a dívida externa a políticas que promovam a preservação das florestas e sua administração. Os bancos comerciais poderiam eliminar uma parte da dívida de seus livros e os países tropicais se beneficiariam econômica e ecologicamente. Ao mesmo tempo, esse esquema serviria a causas globais, como a da preservação das espécies e da proteção do clima.

De acordo com as perspectivas traçadas pelos técnicos do Worldwatch Institute, seria necessário um esforço conjunto de reflorestamento, para reequilibrar o meio ambiente. A meta é plantar árvores em 130 milhões de hectares do Terceiro Mundo e em mais 40 milhões de hectares nos países ricos. Deve-se, ao mesmo tempo, diminuir o desmatamento pela metade, reduzindo as emissões de carbono (de várias fontes) em cerca de um quarto dos níveis atuais.

ameaça dilacerar o poderoso ciclo hidrológico da região", conclui.

Ao considerar a situação, o Presidente do Worldwatch Institute, Lester Brown, disse que aumenta a cada dia a distância entre o que precisa ser feito para reverter a deterioração do meio ambiente e as providências que de fato são tomadas.

— Se o estabelecimento de políticas energéticas continuar sendo dominado pela visão de curto prazo e

por mesquinhas considerações políticas, haverá poucas esperanças. O tempo não está do nosso lado. Temos anos, e não décadas, para transformar a situação e ainda assim não há garantias de que seremos capazes de reverter as tendências que estão minando a vida humana. Mas se o fizermos, terá de ser durante os anos 90. Depois disso será tarde demais — advertiu Brown.

O estudo de 256 páginas divulgado ontem é abrangente. Ele trata desde

os sistemas de transporte, a produção de alimentos, a disseminação da Aids e o controle da natalidade. Mas é a proteção ao meio ambiente que merece análise mais profunda. "Colocar o Mundo numa situação firme do ponto de vista ecológico e econômico será um teste severo para a capacidade de líderes nacionais e de instituições internacionais. Mas, no fundo, somos nós, como indivíduos, que estamos sendo testados", diz o documento.